

PORTO ACADEMICO

QUINZENARIO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Administrador:
CORNELIO FOGAÇA GUIMARÃES
REDAÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:
Rua Antero de Quental, 213 - Porto

Director - A. G. DOS SANTOS NOBRE
AVULSO, \$25 Cent. - TRIMESTRE, Esc. 1\$50

Editor:
ANTONIO CARVALHO ANDRADE
Comp. e imp. na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO
Rua Santa Catarina, 326 - Porto

TUNA ACADEMICA DO PORTO

A nossa Tuna, fechou este ano o glorioso ciclo das suas excursões com uma brilhantíssima chave de ouro. Vila Real---a encantada povoação da linda provincia de Traz-os-Montes---galhardamente recebeu com sorrisos de amor e perfumadas flôres, a mocidade academica da nossa cidade do Pôrto. Lamêgo, irá tambem por esse tempo fóra, ensinando a todas as terras dessa formosa Beira o singular Amôr pela Arte, que nas suas capas nêgras, muito nêgras, mas brilhantes, docemente acalentam os estudantes da invicta cidade.

A VIAGEM

Dezenove de Maio, manhã bonita, cheia de esperanças, gravadas com ternura num céu lindo de safira, ainda muito fresco como a fresca madrugada que terminara e já com a poesia doce e tranquila, da tardinha encantadora que nos sorria lá de longe.

Manhã bonita, cheia de esperanças, profundamente gravadas tambem no negro das nossas capas, com o doido entusiasmo e estouvada alegria dos estudantes---dos estudantes do Porto.

Manhã bonita, cheia de esperanças, gravadas finalmente no nosso coração, divinizadas pelos impulsos da nossa despreocupada mocidade e acalentadas com as côres garridas e perfumes belos da divina Arte, onde os estudantes do Porto vão buscar, serenamente, em todos os tempos, nas suas horas de descanso, as orações mais religiosas para saciarem as suas almas grandes de poetas, de patriotas, de amigos da sua Terra.

Nessa manhã bonita, umas setenta capas acorrem de todos os lados da invicta cidade á estação de S. Bento. Quanta alegria e quanto entusiasmo!

Ali vai o Dr. Modesto---esse moço admiravel que é o regente da Tuna---com o sorrisinho que o caracteriza, inoculando a coragem em todas as capas negras que vão com êle em busca da gloria, em busca do triunfo.

Leva na mão aquela enorme batuta a que todos vão tomar o pêsso antes de partir, cumprindo uma praxe curiosa.

Dez horas e tal, o comboio parte, contente tambem, porque leva no seu seio a mais rissonha mocidade.

Campanhã, Contumil, Ermesinde... por aí fora.

Ouvem-se as guitarras rezando as suas orações de festa; os violões tambem preguntam o sitio da romaria e os violinos correm apressados naquela ansia de chegar primeiro. Aquele estudante canta, naquele grupo canta-se, naquela carruagem ouve-se cantar, em todo o comboio se canta, tudo canta, tudo canta! O tam conhecido Barão da Patinha ali vai, no seu aspecto grave, fazendo rir os camaradas ao mesmo tempo que acaricia com brandura, o seu bigode imponente e cheio de magestade naquela manhã bonita e cheia de esperanças.

O comboio pára e a estudiantada sai; é a estação da Regoa. Aparecem rapazes da Terra, amigos dos estudantes---o Cristiano Teixeira, o Coutinho e o Artur Junior---que vão apresentando os estudantes ás elegantes raparigas da Regoa no meio de sorrisos, cabeças baixas e carinhas bonitas envergonhadas.

Depois... novamente em marcha. O Corgo, o lindo Corgo, tão interessante, tão poético, correndo lá em baixo palpitante, segredando aos montes

baixinho, para que não ouvíssemos, aquilo que nós eramos---"moços do Porto"---donde vinhamos---"das divinas regiões da divina Arte"---o que vamos fazer---"visita-lo, beijar a provincia que êle beija tambem ha muito tempo e saudar na tam bela e formosa Vila Real toda essa provincia tam cheia de encantos e de glorias.

Mas... Parai, parai, gritava o Marão num ar rissonho lá de longe.

Um pouco mais... o comboio apita... e nós chegamos a Vila Real.

A RECEPÇÃO

Ei-la, toda orgulhosa e franca, satisfeita e contente, causando inveja ás terras da beiramar---Vila Real---a joia deliciosa da alcantilada provincia de Traz-os-Montes.

Na estação, cheia de gente, atunoz e atunoz do liceu e das escolás, de capa e batina, rece-

ponte, logo vimos em todas as janelas como que uma grande ansiedade. Passamos e---impossível de descrever---muitas e muitas flôres, muitos e muitos sorrisos, muitas e muitas prendas, muitos e muitos acênos, um doido entusiasmo, um delírio louco.

O ar ficára perfumado; a brisa levava consigo olhares divinos, o sol começou a terminar a sua tarefa e cada vez aquecia menos; o proprio chão---duramente pisado---bem decerto esquecera as suas máguas e quedára-se contemplando aquele delírio inividável.

A Tuna, ao contrário do que devia, não tocou durante o trajecto, mas ninguem certamente reparou, tal era a extraordinária alegria da recepção.

O sol foi declinando a dizer ao mar---para lá do horizonte---o que em terra se passava. Os rapazes foram sócegar até que chegou a hora da recita anunciada.

mingo fóra cheia de realidades.

Os estudantes do Porto sentiam-se bem, sentiam-se contentes, e as damas de Vila Real pagavam esse contentamento com a mais maravilhosa fidalguia. As capas continuavam atravessando o ar para alcançarem um peitoril onde umas mãos pequeninas e branquinhas as esperavam com ternura, com carinho. Ali, um, trouxera flôres e lá deixára o seu cartão; acolá, outro, tivera fitas e prendas e lá deixára como terna lembrança um pedacinho da sua capa. Finalmente, ali, tambem aquele trouxera sorrisos significativos e lá deixára o marôto do seu coração.

Á NOITE

Alguns estudantes nem já tinham a sua capa. As damas, ficaram com elas a fim de, talvez, lêrem nelas as desventuras e alegrias daquele a quem pertenciam.

EM LAMÊGO

Primeiro Regoa, depois Lamêgo. Entre estas duas povoações uma viagem massadora de camion, no entanto cheia de peripécias impossíveis de contar.

Em Quintiã, na linda vivenda da Família Pina de Morais, uma bela recepção que sinceramente agradecemos.

Por fim Lamêgo, a cidade antiga, cheia de belezas, esperava-nos com uma banda de musica e foguetes.

Organizado um cortejo, lá fomos á Câmara e ao Liceu.

Depois, durante a tarde, começou outra vez a delicada faina das fitas prendas e flôres. Realizou-se um desafio de *football* entre o melhor *team* de Lamêgo e o 1.º *team* da Associação dos Estudantes do Porto. Nós ganhamos por 3 e 1. Já em Vila Real tinham jogado tambem num desafio que segundo informações que colhemos foi o mais importante dos que lá se tem realizado---atendendo á gente que chamou---o nosso 1.º *team* com o melhor *team* de Vila Real.

Neste desafio que foi muito admirado, ganharam os de Vila Real por 3 e 1.

Á noite o espectáculo correu muito animado, conseguindo a Tuna Académica do Porto mais um novo triunfo.

No dia seguinte, visitamos as caves da Raposeira onde admiramos um trabalho colossal e uma força de vontade inexcédível por parte da firma Vale, Filho & Genro.

Devemos agradecer as taças de champagne que nos foram oferecidas.

O académico Patinha,---o senhor Barão da Patinha---fez um champanizado discurso, brindando aos donos da fábrica.

Regressamos á cidade e depois, novamente em camion, voltamos á Regoa. Chegamos ao Porto por volta das 17 horas do dia 22, bastante fatigados, mas com as esperanças que levamos transformadas em realidades.

O estudante Leob,^{do} chegou sem a batina. E ninguem sabe onde ficou. "Mas quem tem capa sempre escapa".

PARABENS

Ao Doutor Marques Gomes, José Branco e Pais de Aguiar, ilustres organizadores duma tam bela excnrsão, envio os meus mais sinceros parabens pela maneira brilhante como conseguiram um novo triunfo para a Academia do Pôrto.

Não podemos esquecer o Lucena de Sampaio e o Sesinando Seixas que foram incansáveis no que diz respeito á missão de que foram encarregados---o primeiro em Vila Real e o segundo em Lamêgo---missão essa de que se desempenharam com um brilho de-veras inexcédível, bem digno, tambem, dos nossos parabens.

Para todos êles envia o *Porto Academico* as suas saudações.

S. N.



UM GRUPO DE ESTUDANTES QUE FAZEM PARTE DA TUNA ACADEMICA DO PORTO

biam com a alma vibrando de entusiasmo académico os visitantes que chegavam---os estudantes do Porto.

Por todos os lados, mulheres bonitas, muito bonitas, tendo a brincar-lhes, nos lábios, sorrisos lindos, muito lindos.

Os braços no ar, levantavam graciosos ramalhetes de flôres; os lábios entreabriam-se para dêles saírem os vivas e hurras mais sinceros espontâneos á Academia do Porto; além uma banda de música mais impelia os corações a melhor se aproximarem. E aproximamos. Logo respondemos com acaloradas saudações á Academia e ao Povo da elegante Vila Real, ás damas gentis, ás forças vivas da terra, etc., etc.

Depois um cortejo. Várias bandeiras e no meio de todas a da nossa Tuna, serêna e orgulhosa, com uma enormíssima guarnição de lindas fitas produzido de muito esforço e de muito trabalho. Atravessada a

O ESPECTACULO

Casa cheia, completamente cheia. Garridas *toilettes*, as capas dos estudantes do Porto nos camarotes, semeadas de flôres e fitas e das mais curiosas prendas. Subiu o pano.

O hino Académico, tocado pela Tuna, é ouvido de pé. Depois fala Martins Ferreira que fez a apresentação. Foi muito aplaudido e a Tuna começou a executar todos os números do programa. Delirantemente ovacionada, Modesto Osório ganhou um novo triunfo.

O grupo scenico fez rir, rir muito. Os fados e as guitarradas pelo Taveira Brandão, Cicero e Delgado agradaram bastante e foram bisadas.

No fim, muitos vivas, muitos hurras, muito contentamento e muita satisfação.

NO DOMINGO

Se a manhã do sabado fóra cheia de esperanças, a de do-

SEGUNDA-FEIRA

A manhã bastante indecisa e cheia de saudades. Os estudantes iam partir. Fizeram as suas mais necessarias despedidas e lá foram. Na estação o mesmo entusiasmo da chegada. As damas foram levar as ultimas flôres e os ultimos sorrisos.

O comboio partiu, os olhares tornaram-se saudosos e quantos corações que não choraram.

CATARINO... AMOR ELA CARTA PASSEIOS

A pobre Catarina — aquela Catarina que a sifilis tem ruído miseravelmente — já anda pelo Chá das 5 do miúdo "Comercio do Porto".

E o miúdo pelo espirito scintilante do sr. Humberto Ribeiro, diz coisas, deixando, pelos lábios distendidos em busca de beijócas do papá — que deve ser o sr. Bento, dignissimo mestre cá da Casa e Pai do petiz — sair uma baba pestilencial que procura limpar nas capas dos estudantes do Porto. Que miséria, que infamia! Essa desgraçada costuma, de facto, aparecer pela porta da Faculdade de Medicina. Tem a mania de procurar um Julio... um Julio que vive sómente no seu espirito doente...

E a rapaziada, com quem ela se mete a proposito de tudo, sempre teve a maxima complacencia, e as maximas atenções para essa doente. Não só por espirito como por dever. Como se compreende que um estudante de Medicina maltrate um doente se ele se educa precisamente para ser o melhor companheiro dos doentes e dirigente no ataque a todas as doenças que maltratam a humanidade? Como se explica isso? De resto não só o estudante de Medicina como qualquer estudante tem cultura sufficiente para compreender a desgraça dessa pobre Catarina.

O sr. Humberto Ribeiro, que não conhecemos, teve em vista apenas ferir os estudantes de Portugal.

E diz, com o coração a sangrar:

"Ha dias a pobre louca servia de comediante a alguns estudantes, que, sem alma, sem dó da infeliz e da sua miséria espiritual, a incitavam ignobilmente, infamemente, á prática dos actos mais dolorosos".

Sr. Ribeiro, não queremos negar os seus bons sentimentos nem a grandeza do seu coração sensível, mas o senhor só quiz divertir, com prosa retocada, as suas gentis leitoras...

A desgraça da Catarina, senhor Ribeiro, dá um longo, um volumosissimo romance. Faça o romance, busque todos os elementos sentimentais e divirta depois as meninas que o leem, sem meter estudantes nem guitarradas, apesar do sr. Humberto parecer gostar de guitarradas, de tricanas, de lagrimas e fadunchos...

E depois do sr. Ribeiro disparatar um pouco mais, acrescenta parvamente: "Aquele sensibilidade e amor, natos no estudante d'outra, transformou-se (o grifado é nosso) nos de hoje em incoerencia, em desamor, quasi em crueldade." E' positivamente parvo este senhor. Parvo, sim, senhores! Parvo é o termo.

Então este cidadão — certamente é dos que se conhecem, politicamente, pela gravata — nega a hereditabilidade de bons sentimentos? Então o estudante deixou de ter as boas características para se transformar em féra? O sr. Ribeiro, esta é que é verdade, nega as tradições dos seus, necessariamente, porque a evolução atinge todas as camadas sociais e todas as idades do nosso tempo.

E' parvo, para não lhe chamarmos, por educação, burro, autenticamente burro.

As capas negras d'agora são *campus ubi traja fuit*. E abafou um grito de revolta... para não ser malcreado, o dito cidadão... *Campus ubi traja fuit*... as capas negras d'agora...

O' Galeno, traz cá um pouco de bismuto.

DIVERSAS

Para tratar da questão Humberto Ribeiro, de que falamos noutro logar, foram eleitos delegados da Academia os estudantes Martins Ferreira, Costa Cabral e Santos Nobre.

No entanto, a Junta Directora da Associação dos Estudantes pretendente começou a occupar-se do assunto, motivo porque aqueles delegados declinaram nela todas as responsabilidades que o caso requeria.

Na tua simpatia de morena, minha idolatrada amiga, a suggestiva aventura dum riso franco e cristalino, brilhava como joia do mais alto aprêço. Tu eras como uma madrugada esplendida que enche de harmonias e de luz a exuberancia primaveril das aldeias, erguendo hinos á Vida e á santa tranquillidade que desfrutam as almas puras e unidas dum misticismo inalteravelmente profundo e inabalavel. Não preenchas as horas felizes da tua mocidade — horas que passam leves como miragens de contos de fadas — com a romântica leitura de velhos dramas de paixões funestas, conduzindo sempre a desvairios intensamente trágicos. Deus criou uma Obra imensa para os corações que sabem filmar as paisagens que a Natureza nos oferece. E, nesse livro admiravel e supremo, há muito que aprender, que exaltar, levando-nos a sua leitura, pouco a pouco, mas dum modo decisivo, a reconhecer a superioridade imensa, esmagadora, incontestável, do seu inconfundível Autor. E assim, porque pensavas como raramente pensam as raparigas da tua idade, nunca uma sombra de melancolia, por mais ligeira que fosse, vinha toldar, embora por momentos, o céu azul, limpidamente azul, da tua alegria sem confronto. Por isso, quando depreenhi que uma luta se travava dentro do teu espirito, pois dela resultára decerto o ar inquieto do teu semblante formoso, desde logo tentei aperceber-me, custasse o que custasse, das origens de tão estranha e súbita mudança. Já não eras a mesma pujante juventude a gargalhar triunfos, nem a flor galante oferecendo-se ao Sol, enamorada d'ele, doudinha pelas caricias d'ele. Um abatimento inexplicável substituiu tantas energias, tolhendo-as, cingindo-as, inutilizando-as, como se um habil operador, com pericia e paciencia, metódicamente estudasse a anatomia da tua felicidade. Dizem que as mulheres são deveras curiosas, e nunca a experiencia desmentiu a verdade desta afirmação pouco galante. Mas devo confessar-te, pois mentiria se afirmasse o contrário, que mantive intenso desejo de desvendar o mysterio, o curioso enigma que a tua inquietude me oferecia. E tu perdoarás como conseguí chegar a um bom resultado, mas de modo algum poderia deixar insatisfeita a curiosidade em sobresalto. Espreitando-te, espianando os movimentos que fazias deante do espelho, soube ler, enfim, na maguada expressão do teu olhar, que o pequenino buço — a mancha tenue que graciosamente te dá relêvo ao rosto — fóra a causa da tua desventura.

ARNALDO A. PINTO.

E' meia noite. Lá fóra na rua passam bandos notivagos numa inconsciencia de canticos... Uma mulherzinha, saltitante, d'olhos fundos, passa a rir, a rir idiotamente...

A rir idiotamente... Foi minha amiga — botão que floriu prematuramente para desfolhar brancas de innocencia e de bondade á luz difusa duma sociedade imbecil e má — foi minha amiga, e conhecemo-nos num sarau literario do Ateneu, do Ateneu das Letras e das Artes! E fazia versos e sonhava com céus dum azul muito transparente, com um oceano de Amor vestido de rosas e de gondolas branquinhas de intimas, esperanças...

Um dia namorou. Namorou e cafu na desgraça arrastada pela imbecillidade dum homem. Depois, depois a tragédia, o incendio da honra, a indiferença. Fugiu, folha levada por um outono desabrido a maguar-lhe, a ferir-lhe a alma com lamuria de salgueiros chorosos de luar...

Teve fome — Castelos de sonhos a desabar, a cair silenciosamente — teve fome e só o riso desdenhoso do homem se lhe oferecia para toda aquela tortura intima.

Faminta, sem sonhos lindos de esperança, abalançou-se ao mar infinito do vicio... E agora, ri idiotamente, nas azas leves da orgia, da boémia estonteante, desviada!

E' meia noite. Para onde irá ELA a rir, a rir idiotamente?

GINA.

Meu presadissimo Amigo e Senhor Dr. Marques Gomes, Filho:

Escrevo-lhe por urgente necessidade. Necessidade de saber a minha situação perante o Orfeon Académico do Porto. Fômos — e já lá vão quasi dois anos — fômos eu, você, o Mário Lopes, o José Sarmento, o Flávio, que, após uma reunião acalorada, numa das salas da Associação, por convite desse admiravel rapaz que é Modesto Osório, que resolveu convidar os estudantes do Porto para uma grande reunião.

E foi dessa reunião que nasceu o pensamento artistico da Academia do Porto. Você, Marques Gomes, deve lembrar-se das nossas reuniões, dos nossos projectos, em suma, dos nossos esforços congregados e conseguidos por môr dum grande sôno.

Noites passadas em trabalho, em manifesta agitação nervosa, nunca custaram a quem uma vontade firme abalançára. Não sei se trabalhei muito, se pouco. Sei que fiz o que pude, com o interesse e com o carinho que merecia tão maravilhosa obra, modelada sómente pelo nosso fervôr e amor, e pela nossa inquebrantável tenacidade.

Mais nada. O nosso trabalho ficou e para mim, pelo menos, bem marcado, indiscutivelmente assente pelo que realizamos. E a mim, como secretário da Direcção que fundou no Porto um Orfeon Académico, cumpre-me apenas o dever de, por escrito, relatar a nossa maravilhosa viagem a Espanha. E para que tenha todos os elementos necessários para tal, e todas as facilidades, desde já lhe peço, Marques Gomes, que pense na melhor forma de me poder auxiliar neste remate d'obra. Quero enviar a todos os velhos orfeonistas — bons e leais amigos — um questionário e, ao mesmo tempo, um pedido de impressões de Madrid.

E com estes elementos e com a boa vontade dos meus antigos colegas do Orfeon — a quem eu agora abraço como vivo — julgo poder fazer a última parte da minha obra e que é de facto a que me falta.

E você, Marques, certamente não regateará o seu concurso ao velho amigo de trabalho e de leal camaradagem.

Esperando que esclareça agora a minha situação,

Son de você sempre o

MARTINS FERREIRA.

15-V-923

..... Foi um esplendido passeio à encantadora praia da Granja, realizado pelas seguintes alunas da nossa Faculdade de Letras:

D. Flora de Mesquita Baptista da Silva.

D. Irene Pires da Silva.

D. Aida Marques-Vitas.

D. Maria Alice Tamega de Almeida.

D. Maria Alice Morais Sarmento.

D. Maria Júlia do Amaral.

D. Emilia Dolores Baptista.

D. Maria Margarida Ferraz.

D. Francisca do Carmo Faria.

D. Fernanda Albuquerque.

As nossas gentis colegas foram belamente recebidas naquella tam bela praia, onde passaram alguns momentos de sadia confraternização, esquecendo aquelas horas de todos os dias passadas deante dos livros.

No Hotel da Granja foi-lhes servido um esplendido almoço, onde falaram várias alunas como representantes das diferentes secções da Faculdade de Letras.

Os brindes foram verdadeiramente entusiásticos e cheios daquela alegria e sinceridade que existe sómente nas almas de quem estuda. Assim, brindou-se pelos mestres, alunos e alunas que ficaram, tendo-se depois resolvido escrever a uma aluna que ficára por motivo de doença.

Visitaram a assembleia, onde se demoraram algum tempo, pois que os membros da direcção foram para todas as alunas duma grande delicadeza. Estiveram perto do mar onde se divertiram bastante e percorreram depois toda a praia, voltando ao Porto inteiramente contentes pelos momentos inesquecíveis que passaram na elegante praia que todos nós admiramos, que Portugal indica aos nossos visitantes e que o Atlântico guarda com orgulho.

13-V-923

..... Foi também um passeio de confraternização organizado pela Empresa do *Porto Académico*. O logar escolhido foi a aldeia tam graciosa de Lamações nos arredores da interessante cidade de Braga. Dos oito membros da nossa Empresa, foram apenas os seguintes: Serafim Lino, Cardoso Lima Fogaça Guimarães, Santos Nobre, Ferreira dos Santos, Jorge Viana e Antonio Andrade. Faltou o nosso grande amigo e colega Americo Monteiro Soares que suportava ainda dolorosamente a perda da sua tam chorada mãe. Um almoço imponente nos foi servido na linda e fresca aldeia de Lamações, na elegantissima vivenda da Ex.^{ma} Sr.^a D. Aurea Cardoso Lima e Ex.^{ma} Sr. José Cardoso Sampaio Lima, pais do nosso colega, membro da nossa Empresa, Fernando Cardoso Lima.

O nosso colega Americo Monteiro Soares foi lembrado solenemente com a maior saudade e a Academia do Porto entusiasticamente aclamada no meio de discursos, brindes, vivas e hurras.

Serafim Lino e Cardoso Lima, fotografos do *Porto Académico*, tiraram vários clichés.

DIVERSAS

O nosso amigo e colaborador o estudante Titulívio dos Santos Mota, acaba de publicar um livro intitulado *Palacio do Coração*, que já se encontra á venda. Havemos de falar d'ele.

— A Empresa do *Porto Académico* vai reunir a fim de ser nomeada a comissão que deve comprar o objecto de arte a oferecer ao Dr. Marques Gomes.

— No dia 19 partiu para Vila Real, acompanhando a Tuna Académica do Porto, como delegado do nosso quinzenário, o estudante Santos Nobre. Regressou no dia 22.

ACADEMIA DO PORTO

VERSOS RECITADOS PELO AUTOR EM VILA DO CONDE NA "SOIRÉE", PROMOVIDA PELA NOSSA TUNA EM 23-4-923

Estudantes do Porto! E' grata a vossa vindá,
A' princeza do Ave, a esta terra linda,
Que fidalga recebe os seus visitantes,
Com risadas de Sol e punhados de flores! —
Sêde bemvidos pois. Que a vossa mocidade,
Tão cheia de calor, de fé, de alacridade,
Possa levar ao partir deste rincão,
Saudade que perdure em vosso coração!
Se algum de vós achou a recepção modesta,
Podeis agora vêr os corações em festa
Dum povo acolhedor, que vem alegremente
Manifestar aqui, a gratidão que sente,
Pela vossa visita, atingindo em beleza,
Toda a fé no porvir da raça portuguesa!
Eu confio que vós, almas desabrochando
Ao fulgôr da sciencia, ireis todos em bando
Por essas terras fóra, em marcha triunfal,
Exaltando o amor ao nosso Portugal,
Mostrar que a mocidade há tanto adormecida,
Renasce para a Luz, renasce para a Vida!

Sinto dentro do peito, o coração palpitante,
Ao lembrar com saudade o tempo de estudante.
Eu também fui assim, alegre e descuidado,
E quando um dia vi, surpreso e contristado,
A Vida talqual é, negra de ingratidão,
Rolaram-me uma a uma, as lagrimas no chão!

Mas é cedo p'ra Vós. Aproveitai agora,
Ide como andorinhas em bando por aí fóra,
Todo o ano p'ra Vós, ainda é primavera,
Cantai a juventude, o sôno e a quimera,
Cantai a toda a hora! ...
A rir e a cantar é a vida de estudantes,
Cantai mais uma vez, por que d'aqui a instantes
A «carta de Doutor» virá, triste verdade,
Pôr um ponto final na vossa mocidade!
Tereis de transformar a doida fantasia,
No labutar cruel do pão de cada dia.
Ilusões, uma a uma, hão-de também morrer
E ficareis então a sós com o dever,
Esse honroso dever da nossa profissão,
Que semeia ventura e colhe ingratidão!

Nasce p'ra Vós o Sol, p'ra mim, vai no poente!
Ai quem pudéra sêr, rapaz, eternamente!
Estudantes, cantai!

Senhoras e Senhores:
Ajudai-me a saudar-vos com palmas e flores!

ARTUR ARAUJO.

DIZENDO... ORFEON ARTE LOUVOR VERDADES

Antigamente havia na Direcção da Associação dos Estudantes do Porto um membro que sómente se encarregava dos cartões dos caminhos de ferro para os sócios. Hoje tudo mudou. O Jacinto e o Carmilo já saíram e quem ficou encarregado foi o sr. Julio Pimenta. A este senhor pedimos um pouco mais de cuidado no que diz respeito a interesses da colectividade.

Sr. Modesto Osório, senhores membros que trabalham, isto é uma vergonha...

Já se passaram uns meses sobre o Entrudo e até hoje—por esquecimento talvez—não foram apresentadas as contas pela excellentissima comissão que presidiu ás festas do Carnaval.

Por esquecimento? Por desleixo? Por afazeres de ordem escolar? Não o sabemos. O que julgamos imperioso é que se anunciem e apareçam todos os relatórios referentes a receitas e despesas. Não chamamos a atenção dos interessados por qualquer motivo de menos cortezia ou consideração. Pelo contrário. Como presamos muitissimo êsses rapazes, advertimo-los para repararem no esquecimento, ou no desleixo em que se encontram.

As linguas vesperinas distendem-se e ferem... Cautela.

Que um dos últimos números do Porto Académico foi afixado nas ruas de Coimbra, acabam de nos informar. Só se foi o nosso número 13 em que publicamos as grandes glórias do Orfeon Académico do Porto

Será verdade? Então a Universidade transformou-se em balcão de namoricos, em camarote de S. João, ou em quê? A fedalhada anda a chocar. Isto vai mal! As meninas e os meninos da Universidade namoram por toda a parte, com um latão capaz de fazer córar um preto. Pois é verdade, é... como dizia o meu particular amigo padre Salomé! Lá que namore, achamos justo, mas, é claro, em lugar propicio. Agora nas escadas, nos corredores, nos átrios, francamente, é um pouco sensaborão tal namorar.

Mas há mais. Dependuram-se até nas janelas e assim, incommodamente, arrolham os pomboinhos...

Calculem... até a formiga tem pigarro.

Em suma: é preciso dar á Universidade fóros de feira da Lãdra... ou de Avenida das Tílias... com bancos pintados a primôr e canteiros da mais exótica e variada vegetação. Pois é verdade!

Continuaremos.

Nós falamos com o Dr. Marques Gomes. Esteve doente e nós imensamente nos alegramos quando o vimos na rua, atencioso como sempre, conversando amavelmente com qualquer estudante. E nós falamos com ele acerca da nova Direcção do Orfeon Académico do Porto, eleita ha pouco tempo nas circunstancias que expusemos no nosso ultimo numero. Do que êle nos disse, nós concluimos o seguinte que é devêras lamentavel, mas que era afinal o que tinhamos vaticinado. As eleições foram ilegais. O Orfeon Académico do Porto não tendo,—porque é ainda bastante moço—estatutos seus, devia regular-se pelos estatutos geraes onde todas as sociedades vão buscar as suas boas normas. Assim, as eleições só poderiam ser feitas da seguinte maneira: Convidando por intermedio dos jornaes e avisos nas Faculdades e Escolas, todos os socios a comparecer numa grande reunião que só se realizaria desde que estivessem presentes três quartas partes dos socios.—O que é certo é que não se procedeu assim, dando em resultado o seguinte:—O Dr. Marques Gomes foi eleito com 50 votos—que mi-séria, continuamos dizendo, como no ultimo numero—isto é, aproximadamente a quarta parte dos socios do Orfeon Académico do Porto.

Não se pode admitir—diznos o Dr. Marques Gomes—nem eu posso consentir em que seja eleito apenas com 58 votos. As eleições devem pois ser anuladas como ilegais e sê-lo-hão certamente.

Sem que nos afastassemos do assunto por completo, começamos a falar de José Branco e de Martins Ferreira, quando o Dr. Marques Gomes nos diz: São dois rapazes que trabalham incansavelmente embora de maneiras diversas. Cada um no seu ramo de trabalho, são verdadeiramente insubstituíveis.

Nós viemos pensando na injustiça praticada por aqueles que, descuidados talvez, votaram nas ultimas eleições. Chegamos a temer então que José Branco e Martins Ferreira procedam, noutras eleições que se convoquem e em que fatalmente serão reeleitos, da maneira leal e justa que nós infelizmente, bem merecemos. E ao terminar estas linhas, fazêmo-lo com a certeza de que o Dr. Marques Gomes não trabalhará de maneira alguma com os rapazes que nós, eternos desagradecidos, lhe queiramos apresentar assim á primeira vista.

Com imenso prazer publicamos o artigo que segue e em que se fala do Orfeon e Tuna Académica do Porto.

Fiestas de juventud, de alegria, de sano esparcimentu y de hermandad espiritual son éstas que, durante su breve estancia en Madrid, prodigan, con largueza bien digna del mayor aplauso, la Tuna y el Orfeón de Oporto. Unos centenares de alumnos, después de consagrar largas horas a familiarizarse con la Medicina, el Derecho, la Química y la Historia, encuentran algunas para dedicarlas a solaces artisticos. Reunidos bajo el influjo de un espíritu corporativo que se estiende más allá de las aulas, forman una nassa coral los unos y forman una Tuna los otros. Canciones portuguesas, ora bien típicas, ora hermanas gemelas de las que nos son conocidas merced a Galicia y Asturias, les permiten recrearse con puturrís ingenuos, con guitarradas llenas de carácter popular y fados llenos de poesia. Y todo ello hace más simpáticas las fiestas musicales con que nos obsequian esos estudiantes a su paso por Madrid.

Tomen de ello buena nota los nuestros. Imiten ese ejemplo de fraternidad, de espíritu corporativo, de amor al Arte, a las costumbres típicas y a lo que constituye el nervio del alma nacional en su doble manifestación musical y literaria. Revivan extinguidas tradiciones y reaviven tradiciones agonizantes. Nunca les faltará un director que, como el doctor Clemente Ramos, los encauce para constituir un orfeón escolar, ni les faltará una camarada que, como el estudiante de Ingeniería portugués D. Modesto Osorio, además de ponerse al frente de una rondalla, escriba para su corporación filarmónica puturrís. Y esos puturrís mezclarán jotas con granadinas y sardanas con aurescus en alianza cordial.

Y después, al devolver nuestros estudiantes la visita que les han hecho sus camaradas de Oporto, podrán decirles: "Quando vinstéis a vernos, no os limitasteis a darnos fe de simpatia gremial. Además, nos disteis una lección inolvidable, a saber: que se pueden y se deben agregar a las tareas docentes ocios nobles con los que a su modo hace patria la juventud. Y aqui nos presentamos para testimoniaros que vuestra lección no fué desdafiada. La mejor prueba de gratitud que pudriamos ofrecer os esta demonstración de cuán fecundo fué, entre nos otros, el ejemplo que nos mostrasteis en aquella ocasión, para vosotros gratissima y para nosotros no menos grata.

20-5-1922 José SUBIRA

Que foi de éxito retumbante a visita da Tuna Académica do Porto a Vizeu, dizem-no bem alto os jornaes daquela cidade. Em terras espanholas fomos recebidos admiravelmente.

Isto nos bastava—e mais: de Espanha trouxemos carinhos, recordações, atenções e pesetas—para nos sentirmos orgulhosos e senhores de uma linha de conduta irrepreensivel, como bem nos disse o querido amigo Vasco de Quevedo.

Isto nos bastava, como diziamos, para não regatearmos pelo país e pela elite aplausos e admirações. Só uma obra profundamente patriótica e artistica nos exalta e nos impele a buscar no povo da provincia a sua admiração e a tranquilidade de consciência, quando souber que partimos para longe como representantes—sem representantes!—da gente de Portugal!

E isto vem a propósito de recebermos um telegrama de Coimbra, felicitando os estudantes da Tuna Académica do Porto pelo retumbante successo por ella obtido em Vizeu.

E' nosso dever agradecê-lo, e nós fazêmo-lo com a consciencia tranquila que sempre existe nas ocasiões do dever cumprido. Para os estudantes da nossa Tuna vão, pois, as felicitações de alguns estudantes de Coimbra. Para êstes os nossos mais expontâneos agradecimentos.

A Academia de Coimbra merece-nos muita simpatia e muita consideração, como de resto todas as academias do país.

Demais, o estudante português, na hora que passa, tem responsabilidades e responsabilidades tremendas. Que cada estudante leve á sua apreciação o que pode e o que deve fazer na sociedade portuguesa. Sociedade demente sobre um vulcão rugidôr que tenta despertar para a actividade.

Nós temos de educar, desde já, o espirito na mais sã democracia e solidariedade. Sem solidariedade, sem respeito mútuo, sem entendimento, que faz, que pode fazer um povo que tem uma história gloriôsa? Evidentemente, nada!

Nós louvamos, por isso, os autores do telegrama acima publicado. Onde está a solidariedade? Onde está, senão em factos como os que apontamos?

—Estudantes: por mais que nos custem e por mais exagerados que sejam os nossos êrros, não os condenemos públicamente, mas censuremo-los e corrijamo-los entre nós mesmos.

O perverso não se corrige com o rir idiôta da sociedade. Corrige-se pelas normas modeladas nos bons principios e pela tolerância que chega a ser a maior censura ao espirito alterado.

Ha bastante tempo já que temos em nosso poder as duas cartas que vamos publicar agora. Bastantes assuntos de enormissima importancia nós sacrificamos neste numero, só para que a elas nos podessemos referir. Mas isto é devido aos constantes pedidos de publicação que nos tem feito tanto os alunos do curso do 2.º ano de engenharia como o estudante Perry Garcia, ex-redactor do Porto Académico.

Senhor Director do Porto Académico — Caro colega:— Como representantes da comissão dos alunos do 2.º ano de Engenharia, que tomaram parte na excursão ultima, vimos pedir a fineza da publicação destas linhas, que certamente irão desazer o conceito que o nosso curso poderia ficar tendo perante os outros academicos.

Lamentamos profundamente o procedimento do sr. Perry Garcia, criticando a nossa excursão. Indo o citado colega a Famalicão assistir á nossa recita, tolhe, por alguns colegas, preguntado qual a opinião acerca do desempenho da comedia, ao que ele respondeu: "foi bem escapou", indo até cumprimentar, ou melhor, abraçar o José Moreira. Invocamos para isso o testemunho de varios colegas, sendo até um do 5.º ano que também lá estava.

E a prova de que estava satisfeito é que de bom grado quiz colaborar na nossa recita, o que muito agradecemos, não sendo, porém, a única coisa que salvou a recita, como, com basoia, ele para o Porto veio dizer, o que testemunhar pode o Rolando Cardozo do Carmo. Poderá ele criticar a nossa excursão, assistindo apenas á recita de Famalicão?

Se a recita de Famalicão não foi de todo boa, também se não pode dizer que fôsse de todo má. Para desazer alguma má impressão, se tal houvesse, bastavam os "fadinhos..." (como elle diz) de José Taveira e as guitarradas de Brandão que foram muito, muito aplaudidas não se tornando massadoras, como ele veio dizer depois.

Em nada ficou depreciada a Academia com a nossa ida lá, como pretende dizer o sr. Perry.

Diz o mesmo sr. que não é só fazer excursões é preciso saber fazê-las.

Também, sr. Perry, não é só fazer criticas, é necessario saber fazê-las.

Convencidos estamos que o nosso colega Perry não teria trabalhado mais do que nós, nem melhor teria feito.

Referirse aos programas que diziam: "Recita Académica. Quereria talvez que tivéssemos escrito: «Recita de Engenheiros?»

Critica o facto de nos programas não pormos o ano do curso?

Mas porque não diz ele que nos «placards» e cartazes que mandamos colocar, nas diferentes terras, vinha em letras bem gordas que os alunos eram do 2.º ano de Engenharia?

Junto vai um «placard» que pode atestar as nossas palavras e se não mandamos cartazes é porque a ticaram todos colocados.

No entanto, se necessario fór, iremos com alquem mostrar a verdade.

Diga-nos ele uma coisa: não seria isso suficiente para se saber que a recita era do 2.º ano de Engenharia?

Esqueceu-nos por á porta um colega que fôsse informando quem entrasse, ser a recita promovida pelos alunos do 2.º ano, e talvez assim ficasse satisfeito o sr. Perry.

Leia ele as referencias que a imprensa de Famalicão, Santo Tirso e Guimarães acerca de nós faz, e verá então que a coisa não correu tão mal como ele pretende dizer.

Não podemos também deixar de agradecer ao sr. Perry, o incomodo de ter tomado sobre si um cargo de que ninguém o incumbira e que foi o ter agredido a uma nossa colega e ao estudante Velozo Ramos.

Não fez mais do que repetir o que, por mais de uma vez, outros já tinham feito.

Agradecendo a publicação destas linhas, o que desejavamos sómos sob o titulo «Verdades Amargas», todos colegas ao dispor,

Alexandre Vidal Pinheiro
Artur Mesquita da Silva.

Outra carta foi-nos enviada pelo académico Perry Garcia, quando era ainda redactor do nosso quinzenario. Diz o seguinte:

Sr. Director do Porto Académico — As minhas unções de redactor zizeram-me lêr a carta que dois alunos do 2.º ano da F. de S. escreveram a V. e, abandonando por momentos esse cargo, venho dizer da minha justiça unicamente como critico teatral.

Principiam os meus dois colegas por apelidarem de mau o meu procedimento, criticando o espectáculo de Famalicão. Talvez tivesse sido melhor nada dizer, concordar, porém, como várias pessoas sabedoras do insucesso me censuravam pelo meu silencio, alegando que motivo tal facto o eu ter tomado parte na recita, resolvi fazer com a minha costumeada sinceridade a critica a essa recita.

Os mesmos senhores dizem que havia cartazes fazendo referencias ao curso que dava o espectáculo. Não os vi e foi por esse motivo que falei. Com prazer faço esta justificação e peço desculpa de só ter lido os programas.

Falando sobre José Taveira, sou obrigado a pôr os pontos nos *ú* para melhor compreensão.

Haverá algum estudante que não saiba que Viamonte e Taveira são os azes (seja-me permitida a palavra?) do lado entre o nosso meio? Parece-me, que não! Portanto dizer: «como éle sabe», é, parece-me a mim, o melhor elogio.

Quanto á vaidade de que me dizem possuido, não a posso aceitar por muito amavel que queira ser para os meus colegas. Os meus labios jamais zizeram referencias á minha entrada na recita e o M. Santos teve a prova disso.

Terminam os meus colegas, por censurarem o meu agradecimento a varios amigos de F., não se lembrando que agradecia em meu nome (visto que éles já tinham agradecido) e no da Academia em quem, como já disse no outro numero, se relettem todas as gentilezas e atenções.

Finalmente, senhor Director, se V. e os meus colegas do P. A., não estão satisfeitos com o desempenho das minhas unções peço a V. que me dê a demissão do cargo de «critico teatral». Concluo, por declarar que me atastarei de todos os assuntos academicos (o que dará alegria a muitos!) e ao mesmo tempo faço saber a V. que a minha critica á recita do 2.º ano em F. é a pura verdade e os proprios alunos desse curso o confessam na carta que enviaram a V.

Dizem éles: «se á recita não foi de todo boa, também não foi de todo má»; sim, se fôsse de todo má a critica seria outra. Mas V. peça informações, dê-lhes publicidade e verá que élas são a minha melhor deieza e a mais forte das justicias.

Pondo ponto final neste assunto que me entristece, sou de V. etc.,

Perry Garcia.

Nota da Redacção: — Quanto ao pedido de demissão de o estudante Perry Garcia nos faz nesta carta, apenas diremos que passados poucos dias éle era obrigado a abandonar os seus cargos de redactor e critico do Porto Académico atendendo a outras circunstancias que depois surgiram.

ALMA PORTUGUESA

AO MODESTO OSORIO

O' Mães que, a vosso seio, acalentais os filhos,
E que, para os educar, cantais, em estribilhos,
Os dons duma virtude cheia de pureza:
Dizei-lhes com amor, que a alma portugueza
É alma de mistério, urdida em fantasia,
Tecida de oiro e luz, de sonho e poesia,
Numa soberba noite em que, a Natureza,
Num repto a si-própria... — uma visão, surpresa
A um raio de luar fantástico, bemdito! —
Formou quanto ha de belo, estranho e infinito!
— Deu colorido á rosa; arôma á violeta;
O canto á cotovia, a asa á borboleta;
A limpidez á água; o rubro ao sol poente,
O tom purpúreo e alegre ao róseo sol nascente!...
Semeou, pelo espaço, a luz de tanta estrela!
Legou a virgindade ao seio da donzela.
Deu sombra ao caminhante, ás pombas alimento,
Aos corações amor e ás almas sentimento...
— E a colossal Artista, a grande Natureza,
Deante do fulgor que esparge tal beleza,
Fascinada de luz e ébria de perfume,
Sentindo, de si-mesma, um raio de ciúme,
Deseja produzir, num rasgo de apoteose,
Alguma coisa eterna que toda a arte espose!
E então, numa vertigem, dum ideal anciosa,
Num palpito de fé... arranca á nebulosa
O éter mais subtil, mais cheio de pureza!...
E dum jacto — criou a Alma portuguesa!

GIORDANO BRUNO BARBOSA.

Gazolina
Petroleo
Oleos de lubrificação
e
Combustiveis

“SHELL”

The Lisbon Coal & Oil Fuel Company, Ltd.
Lisboa, Pôrto, Figueira da Foz, Viana do Castelo
Depositarios em todo o Paiz

FATOS desde 45\$00

(Cortes de 3 metros de esplendidas casimiras)

SÓ NOS DEPOSITOS DO

Donas da Covilhã

porque fabricam e vendem directamente ao pu-
blico todas as qualidades de fazendas para
FATOS e VESTIDOS
em todos os padrões e côres por menos de 30 a 60 %

Depositos de
venda a retalho

No PORTO: R. Fernandes Tomaz, 392-A
Em LISBOA: R. dos Fanqueiros, 187-2.º

GRANDES ARMAZENS
Montes Herminios

461, Rua Fernandes Tomaz — PORTO

FAZENDAS DE LÃ. FAZENDAS DE ALGODÃO.
MALHAS. MODAS E CONFECÇÕES.

Preços que desafiam toda a concorrência.

**CAMISARIA
OLIVEIRA**

158, PRAÇA DA LIBERDADE, 16
PORTO

Endereço telegráfico:
PORVIR

Telefone numero 025
Manuel Caetano de Oliveira & C.a Limitada

Preferi o calçado

da **Portugal, Ltd.**

Deposito n.º 1

R. 31 de Janeiro — Porto

A ROYAL-FOTO

é o mais artistico atelier do Porto e a que melhores esboços apresenta.
1 duzia de bilhetes postais artisticos, 15\$000 — 6 retratos carteira
(novidade), 10\$00 — 1 ampliação, grande form. c/ caixilho, 22\$00
R. DO BOMJARDIM, 268 — (Em frente aos Bombeiros Voluntarios)

CARTEIRAS

De pinho de Flandres,
proprias para colegio,
vendem-se em bom es-
tado de conservação.
Para vêr e tratar na
Associação dos Estu-
dantes do Pôrto, rua S.
Bento da Victoria, 10-1.º